

Dona-de-casa quer doméstica sem direito

Associação vê na legalização da profissão "absurdo" que premia "incompetentes"

Carta para Maria

AUREA VARJÃO
Subchefe de Reportagem

A aprovação da emenda da deputada Benedita da Silva (PT/RJ), que garantiu o reconhecimento por lei da profissão de empregada doméstica, não foi recebida com bons olhos pela Associação das Donas-de-Casa do DF. Segundo a presidente da entidade, Vera Santana, o direito à carteira assinada, férias, aviso prévio e FGTS "é um absurdo, tendo em vista que a categoria já dispõe de alimentação, moradia e outras regalias".



Vera Santana

A líder da entidade, acha que esta medida desorganizará ainda mais a vida da classe média brasileira. Sua esperança é de que os constituintes voltem atrás, rejeitando alguns tópicos da emenda na votação das leis ordinárias. Caso isto não aconteça, revela, o País inteiro pagará pela arbitrariedade de deputados incoerentes. "Eles são uns demagogos. Defendem coisas que nem sequer acreditam".

Sem fazer exceção para uma única empregada de Brasília, a presidente da Associação chamou-as de "incompetentes e carrascas". Segundo ela, esta é a realidade vivida pelas donas-de-casa da cidade, que "precisam aturar pessoas irresponsáveis e malcriadas. Diante desta situação, crítica, exigem da gente uma série de deveres. Elas não merecem nem o salário bom que recebem". Para Vera Santana as leis do País, em breve, te-

rão parte de uma Constituinte analfabeta. "É realmente um absurdo cobrar férias e os direitos de um trabalhador normal. Elas recebem tudo isto e muito mais. Quero ver se vão cumprir os deveres. Podem acreditar que não".

MEDO

A Associação das Donas-de-Casa de Brasília não pretende promover qualquer protesto público em resposta a aprovação da emenda, mas Vera Santana, garante que entre os muitos constituintes, uns são terminante contra a medida. "E, são justamente eles que lutarão em

prol da revogação. Eles têm Benedita da Silva, Maria da Abadia; nós temos os nossos também. Não vamos perder esta guerra".

Explicando que é uma boa patroa, pois cumpre seus deveres, ela ressalta porém que não tem medo de sua empregada, como muitas donas-de-casa da cidade. "Fico impressionada quando alguém me diz que precisa aumentar o salário da doméstica todo mês, porque senão ela vai embora. Eu não tenho receio não. E o ideal era que ninguém tivesse. Mas, a realidade é outra aqui em Brasília. Tem empregada que ganha quase igual à patroa".

Alegando que a cada três meses muda de empregada, Antônio Moura admite que faz qualquer negócio para elas não irem embora. "Aumento, compro presente, dou comida e roupa, mas não tem jeito. Não sei mais o que fazer. Creio que com a determinação da lei as coisas vão piorar. Elas agora vão ter mais moral. Ninguém vai aguentar".

A arquiteta Marisa Gomes de Alcântara pensa diferente. Ao seu ver, as empregadas agora vão cumprir com mais efetividade seus deveres. Até porque qualquer deslize vai prejudicar no salário. "Se a minha rasgar uma roupa ou quebrar um copo, vou descontar no salário. Querem justiça, pois então vão seguir a lei à risca. Acabou a moleza".



Sine faz negociação salarial

Histórias de patroas e empregadas felizes

O número de domésticas que procura o Serviço Nacional de Emprego aumentou consideravelmente nos últimos meses. Ao todo, são 480 diaristas cadastradas, mas no Posto do Sine do Setor Comercial — o mais movimentado do DF — passam diariamente uma média de 100 profissionais. O órgão funciona como intermediário entre as donas-de-casa e as empregadas, que determinam, periodicamente, seus reajustes salariais.

Quem pagava Cz\$ 550 (no Plano) e Cz\$ 600 (no Lago) pelos serviços de uma diarista, a partir de terça-feira, vai ser obrigado a aumentar esta quantia. Em assembleia extraordinária amanhã à noite, as domésticas reivindicarão junto ao Sine melhores salários. O coordenador do posto do SCS, Eduardo Confúcio, espera que elas não sonhem muito alto.

"Tentaríamos intervir para que não subam o preço além do normal, pois pode prejudicar a categoria. A crise não permite gastos excessivos. Todo mundo hoje tenta encontrar soluções alternativas que não pesem no orçamento. Com certeza, chegaremos a um consenso".

DISQUE EMPREGO

Com a implantação do sistema disque-emprego, em Brasília dentro de um mês, o trabalho de cadastramento vai melhorar 100 por cento, segundo Confúcio. A pessoa preenche uma ficha de inscrição, digita seu número no terminal de computador e fica aguardando a vaga e o local onde possivelmente prestará serviço.

"Estamos só esperando as negociações entre o Sine e a Codeplan. Todos nossos terminais são ligados lá. Dependemos disto para iniciar a nova fase de cadastramento. O sistema, tanto facilitará nosso trabalho, quanto ajudará aos candidatos às vagas".

Pouca gente tem a sorte de encontrar a empregada doméstica ideal. Aquela que, além de responsável, organizada e educada, é de extrema confiança. Quem consegue esta dádiva faz tudo para não perdê-la, recorrendo desde a agrações mais simples a um salário satisfatório. Os privilegiados garantem, contudo, que o primordial é manter um relacionamento amigável, abdicando definitivamente do hábito de tratar empregado como escravo.

A jornalista raciona Maria Galeazzi é uma das patroas que defendeu esta ideia. A empregada de sua casa já faz parte da família; assimilou a orientação dos padrões com facilidade, tomando qualquer iniciativa quando eles estão ausentes. "Romilda está lá em casa há dois anos e meio, desde então não tenho mais problemas. Considero-a como uma amiga; e meus três filhos, como se fosse tia deles".

Para manter Romilda em casa, Graciosa precisou fazer algumas concessões. Arrumou três outras ajudantes — uma passadeira, uma babá e uma faxineira, além de conceder à empregada algumas regalias — quarto, televisão, presentes e um bom salário. "Faço tudo isto por ela porque sei que a reciproca é verdadeira. Quando necessito de ajuda, não tenho ninguém para me dar a mão. Ela nunca me deixou sozinha. E uma verdadeira companheira".

Carinho com as crianças, boa cozinheira e inteligente, Romilda Helena Ferreira, começou a trabalhar como doméstica aos nove anos, no interior de Minas Gerais. Aprendeu o que devia e foi para São Paulo ganhar a vida. Passou 10 anos em Ribeirão Preto e depois veio para Brasília. Segundo afirma, a receita para ser uma boa profissional é demorar mais de cinco anos numa mesma casa.

"Quem vive mudando não tem tempo de conhecer as pessoas e de aprender as novas. Progredir na vida, graças às patroas que tive, atualmente, estou estudando primário e um dia vou ser secretária. Se quiser, vou chegar lá. Es disso quero ver meus filhos bem crescidos, no muito amor por eles e dona Graciosa".

O sonho de melhorar de vida foi o que levou Marlene Lima a trocar Salvador por Brasília. Em pouco tempo, já passou por duas residências, mas nem por isto acredita que é inconstante. Ela defende a ideia de que mesmo em um curto espaço de tempo, patrão e empregado podem ter uma excelente relação: "Estou aqui, na casa de dona Angélica, só há dois meses, mas sinto como se fizesse anos. Vivo bem e não quero mudar tão cedo".

Satisfeita com o trabalho de Marlene, Angélica Azevedo acredita que tirou a sorte grande quando a encontrou. Por isto mesmo, responde à dedicação da empregada com um tratamento da melhor qualidade. Sua filha de seis anos não faz por menos. Quando sai com a mãe para fazer compras sempre lembra da babá. "Leva para a Marlene, mãe", diz, olhando para algum presente.

Angélica revela que o essencial neste tipo de relação é amizade e o companheirismo. "Levo Marlene para qualquer lugar. Trato-a como membro da família e não como serviçal. A gente conversa muito e troca ideias. Já qual pessoas que se conhecem há muito tempo". Sempre comenta com este orgulho, pretendendo que amizade dure por anos a fio.

Madrinha de um dos sete filhos de Maria, sua faxineira há cinco anos, Dolores Ferreira já não consegue imaginar sua casa sem empregada. Avesa a qualquer tipo de discriminação, ela também é adepta ao convívio amigável. "Trato bem qualquer ser humano, não faço distinção entre as

pessoas. Maria é uma criatura fantástica. Além de trabalhar bem, dá o maior apoio nas horas difíceis. E aquele ombro amigo sempre disposto a dar uma palavra de carinho".

Se Dolores considera Maria uma amiga, ela por sua vez vê a patroa como uma verdadeira mãe. Aos 36 anos, com a vida relativamente estabilizada dentro da sua realidade, Maria Pereira de Souza quer continuar na casa dos Ferreira até o fim da vida. "Já comprei uma casa, que era meu grande sonho. Agora, só me resta viver bem com a família e os amigos. Dona Dolores e o pessoal daqui foi um presente de Deus".

No caso de Cecília Maria Ferreira, uma amazonense de 29 anos, a ajuda do "Divino" também foi providencial. Longe de casa, numa cidade nova, encontrar a patroa Lúcia foi realmente uma dádiva. "Há doze anos trabalho aqui e não quero mudar para outro lugar. Tenho boa comida, amor e colaboração da família inteira. Sem falar nas crianças que me tratam como segunda mãe. Quero morrer ao lado delas. São parte de minha família".

Até bem pouco tempo, Mary Menezes, dona do salão Mary Studio, também fazia parte do rol de privilegiados. Sempre teve excelentes empregadas, mas de uma hora para outra o quadro reverteu-se. A "amiga" de três anos foi passar 15 dias na casa dos pais e esqueceu de voltar. "Ela ficou quase três meses no Piauí e eu aqui a ver navios. Não teve qualquer consideração e tive que colocá-la na rua".

Querida Maria, Esta semana você falou que vai embora. Disse que estava com saudades de sua terra, disse que o Bruno não obedecia, disse que estava cansada. Mas não vá, por favor. Bruno, o "molequinho" de quatro anos, já me prometeu que vai ser mais obediente. E, cá pra nós, como vamos conseguir sobreviver sem a sua ajuda, sem ter você por perto?

Maria, gente para fazer a comida, lavar e passar roupa, tirar a poeira dos móveis, gente para fazer tudo isso é até meio fácil de arrumar. Difícil é conseguir alguém que seja tão amiga. Difícil é conquistar uma amizade como temos há anos. Quem vai me ajudar na criação do Bruno, que lhe adora tanto, que lhe tem tanto carinho? Quem vai segurar o meu baixo astral, quando estou naqueles dias em que nada dá certo? Quem vai me fazer companhia quando o Bruno tiver as crises de garganta e passar toda a madrugada febril?

Maria, se você for embora, quem vai rir comigo vendo o programa do Jô Soares? Quem vai me contar o final do filme, que sempre perco tirando um cochilo no sofá da sala? Quem vai me criticar quando prendo meu cabelo? Quem vai reclamar do meu velho jeans desbotado? Quem vai segurar a barra dos meus amigos, que já procuram você de repente para desabafar as mágoas e sempre encontram uma palavra de consolo, de ânimo?

Fique Maria, o seu Piauí é muito longe. O Bruno deixa sua "palavra de menino" que vai ser mais disciplinado. Juro, Maria das Graças Damasceno de Souza, não dá par a lhe substituir.

Doações da UDR esperam embalagens

Após duas semanas da entrega, as roupas e sapatos doados pela UDR, que por falta de transporte deixaram de seguir para as vítimas das enchentes em Acre, finalmente começaram a ser distribuídas em Candangolândia. Apenas 300 pacotes foram entregues, pois a Associação de Moradores ainda não recebeu os sacos de papel prometidos pela SAB e outros super mercados.

"Até agora, só conseguimos ajuda do Carrefour. Tentamos avisar à comunidade que distribuir am apenas uma parte; contudo, não deu tempo. Espero que os empresários nos apóiem, porque, senão, as roupas correm o risco de mofo", comentou o presidente da Associação José Everaldo.

Mais de 900 pessoas compareceram à Escola Classe nº 3 em busca dos doativos. A maioria não sabia sequer dizer de onde o material tinha vindo. A dona de casa Fátima da Silva, identificou o adesivo da Cruz Vermelha — responsável pela entrega — colado na frente do colégio, como "comercial de algum hospital particular. Só não sei o nome dele, mas já vi esta marca antes".

Segundo Graça Moura, membro da diretoria, quando foi feito o cadastramento com os 1 mil populares, quase ninguém perguntou a origem dos doativos, mas sim o que continha nos sacos. "As pessoas carentes têm outras preocupações. O que importa, é a ajuda", comentou depois de confirmar que o restante do material só deverá ser entregue no próximo fim de semana. As dificuldades com transporte foram a causa também da demora na remessa dos doativos ao Acre.

Constituinte vê vitória social

A deputada Maria de Lourdes Abadia (PFL-DF), uma das defensoras do reconhecimento da profissão das domésticas na Constituinte, reconhece que vai demorar um pouco para a população se acostumar às mudanças determinadas pela emenda de Benedita da Silva. Mesmo assim, ela considera a aprovação da emenda uma das maiores vitórias sociais dos últimos tempos.

Com mais de quatro milhões de empregadas domésticas, o Brasil, segundo ela, só deve tratar estas profissionais corretamente daqui a uns quatro anos. "Infelizmente, de início as pessoas vão discriminar a medida. Mas, todo avanço que implica em mudança cultural, resulta em discriminação no primeiro momento. De-



Maria de Lourdes Abadia

pois, todo mundo passa a aceitar as modificações com naturalidade".

Até lá, a deputada vai precisar de muita paciência para aturar os telefonemas e cartas de protestos de donas-de-casa de todo o País. "Isto é comum. Recebo todas as correspondências e telefonemas como uma prova de que os brasileiros estão verdadeiramente participando das mudanças da Nação. Explico meu posicionamento e escuto o povo. Estamos todos crescendo com esta troca de conhecimentos".

Apesar de defender a aprovação, Maria de Lourdes admite que, a partir de agora, as empregadas terão dupla responsabilidade. "Os patrões vão cumprir a lei e elas precisam corresponder".

ADALTO CRUZ



Marlene (E) e Angélica (D): "sorte grande"